

Para sempre Ibéria

Hélder Garmes*

RESUMO:

O presente texto assinala a importância da perspectiva iberista de Saramago para a história da literatura portuguesa. Funcionando como um imaginário concorrente ao sebastianismo de verve lusitanista, o iberismo do escritor ganha expressão na medida em que canoniza literariamente essa perspectiva utópica no âmbito da cultura portuguesa.

Palavras-chave: José Saramago. Iberismo. Literatura contemporânea.

Todos sabemos o quanto José Saramago foi profícuo em sua produção literária. Escreveu prosa ficcional (romances e contos), poemas, textos dramáticos, crônicas jornalísticas, textos memorialistas, relatos de viagem, tendo recebido o Prêmio Camões em 1995 e o Prêmio Nobel de Literatura em 1998. Em seu já clássico texto “O essencial sobre José Saramago”, de 1987, Maria Alzira Seixo faz um percurso pela obra do escritor desde suas incursões pela poesia até sua sedimentação como romancista com *A jangada de Pedra*, então última obra publicada pelo escritor. Nesse percurso, ao avaliar sua produção jornalística, como cronista, assim conclui:

O que ficou dito sobre a crônica terá mostrado como este tipo de textos, constituindo embora um tratamento peculiar de um gênero relativamente definido na sua frouxidão de estrutura, abre perspectivas claramente ficcionais na obra de José Saramago: porque utilizam processos de tipo memorialístico que permitem caracterizar-se uma figura humana e os seus vários tempos, diversamente convocados; porque se abeiram de ambiências psicológicas tanto como de concretos delineamentos físicos; porque urdem esboços de narrativa e de enredo, embrenhando o mais concreto acontecer em vagas e miríficas conjecturas de uma prodigiosa imaginação. *Deste mundo e do outro*, título do primeiro livro em prosa da obra de José Saramago, contém todo um programa de relações entre realidade e fantasia, entre o ser e o seu desejo, entre a pessoa e os outros que ela considera e que constituem todo o universo de alteridade, entre a natureza e o fantástico, que veremos desenrolar-se em moldes precisos, e progressivamente mais ricos ao longo de toda a sua obra (SEIXO, 1999, p.23).

Portanto, estariam já na sua atividade de cronista, todos os elementos que caracterizariam sua prosa romanesca. Nessa prosa, elabora-se um narrador muito peculiar, que assim se caracteriza:

Narrador que se define em função de um tempo conjuntural e conjectural (história e ficção), espécie de consciência infeliz na sua onisciência desenganada (propensa à moralização, ao aforismo e à profecia) mas ao mesmo tempo satisfazendo-se com a perspetivação lúdica dos materiais que domina, fazendo humor com as suas possibilidades manipuladoras e comprazendo-se cinicamente (ou mesmo despidoradamente) no desvelar progressivo e pormenorizado dos meandros mais secretos das motivações das suas criaturas.

Onde ternura e violência coexistem no prazer ansioso da devassa de qualquer oculto (SEIXO, 1999, p.43).

Horácio Costa, abordando a obra de Saramago nesse mesmo período de formação, ressalta

[...] a importância que nela assume o realismo como núcleo ético-estético de referência básica, que por assim dizer fornece a marca de origem ao texto saramaguiano em todas as vertentes genéricas aqui estudadas. Entretanto, apesar desta localização radial da clave realista na produção do texto de Saramago, a vinculação do autor com o realismo é antes orgânica que simplesmente ideológica; sem deixar de ser programática, é evolutiva. Muitas vertentes vinculadas à matriz realista, do naturalismo ao realismo fantástico, passando pelo neo-realismo e o surrealismo, sucedem-se umas às outras, na medida em que o autor cresce em função da maior complexidade textual que se espalhará no ciclo de romances escritos a partir de 1980. Esta sucessão não implica, via de regra, a substituição de uma vertente pela outra, e sim a sua justaposição - ou, mais ainda, na sua aglutinação simultânea no nível da escrita (COSTA, 1997, p.351-352).

Entre os romances da década de 1980 está *A jangada de pedra*, que, de fato, só pode ser entendido formalmente da perspectiva dessa aglutinação de vertentes literárias, pois a dicção realista e mesmo jornalística do narrador encontra-se amalgamada com descrições realizadas ao modo naturalista dentro de um universo diegético completamente insólito.

Iberismo e colonialismo

Tomando a viagem como um dos temas centrais da obra de Saramago, que surgira em sua obra pela primeira vez no *Manual de pintura e caligrafia*, Seixo lê *A jangada de pedra* como uma “utopia simultaneamente histórica e fabular” (SEIXO, 1999, p.48) que colocaria em questão aquilo que movimenta a história e aquilo que movimenta os sujeitos, estabelecendo uma complexa relação entre esses dois planos de movimento. Dessa perspectiva, destino pessoal e destino histórico estariam inteiramente imbricados e o iberismo deveria ganhar força na interpretação de Seixo. Todavia, a autora afirma que o “iberismo é aqui menos uma concepção sociopolítica que uma conjunção casual de esforços num mesmo sentido de sobrevivência” (SEIXO, 1999, p.47).

Se em 1987, momento em que Seixo escreveu seu texto, era possível vislumbrar o iberismo presente no romance como “conjunção casual de esforços”, hoje em dia tal afirmação não se sustenta. Não há nada de casual na conjunção entre Portugal e Espanha na jornada descrita no livro, pois, se assim fosse, bastava que somente Portugal realizasse tal jornada. Com isso, queremos dizer que a própria diegese do texto não permite tomar o iberismo ali presente como casual.

Lembremos ainda que dois anos após a publicação do romance, em 1988, Saramago publica um artigo intitulado “O (meu) iberismo”, comentando a suposta morte dessa postura ibérica e a situação cultural, política e econômica em que espanhóis e portugueses se encontravam frente aos seus conflitos históricos e frente a integração à Comunidade Econômica Europeia. Resume tal situação na irônica ideia de que “ser ibérico equivalia, ou equivale, a roçar perigosamente a traição, ser europeu representa o toque final da perfeição e a via larga para a felicidade eterna” (SARAMAGO, 1998, p.32). E então comenta:

Ora, coincidindo mais ou menos com essas espirituais desventuras, e provavelmente também como efeito reflexo da desilusão sofrida ao querer

chegar a um entendimento mais sensível do pequeno e desde agora frustrado universo ibérico, viraram-se-me os melancólicos olhos para a América Latina, onde, apesar da cúpula magnífica da língua do império econômico, continua a falar-se e a escrever-se o português e o castelhano. [...] A diferença desse novo olhar era que uma espécie de comoção, um pressentimento, uma alvorço incontido do espírito me estavam insinuando que a própria península Ibérica não poderá ser hoje plenamente entendida fora da sua relação histórica e cultural com os povos de além, e que, mantendo-se a atual tendência de desgarramento das camadas profundas que a eles ainda nos ligam (não confundir com aproximações políticas e econômicas subordinadas, quase sempre, a interesses de terceiros), acabaremos nós, os peninsulares, na incômoda posição de quem, tendo-se sentado em duas cadeiras, não sabe qual delas lhe oferece mais segurança, sendo certo, por outro lado, e insistindo na metáfora, que o problema de quem assim se sentou não colhe benefícios da instabilidade decorrente do precário estatuto adoptado ou a que não soube escapar quando ainda estava a tempo. Quero eu dizer, enfim, que esta Península, que tanta dificuldade terá de ser europeia, corre o risco de perder, na América Latina, não o mero espelho onde poderia rever alguns de seus traços, mas o rosto plural e próprio para cuja formação os povos ibéricos levaram quanto então possuíam de espiritualmente bom e mau, e que é, esse rosto, assim o penso, a mais superior justificação do seu lugar no mundo. Admitiria que a América Latina quisesse esquecer-se de nós, porém, se me autorizam a profecia, antevejo que não iremos muito longe na vida se escolhermos caminhos e soluções que nos levam a esquecer-nos dela (SARAMAGO, 1988, p.32).

Eis aí uma explicitação do motivo político que levou Saramago a escrever *A jangada de pedra*. Seu iberismo é evidenciado e se tornará cada vez mais elaborado e publicizado, como na entrevista que concedeu a João Céu e Silva do *Diário de Notícias*, em 15 de julho de 2007, quando profere a famosa frase, título da matéria, “Não sou profeta, mas Portugal acabará por integrar-se na Espanha”.

Marisa Corrêa da Silva, em artigo intitulado “José Saramago: o iberismo como utopia” (2002), demonstra como o comunismo de Saramago em *A jangada de pedra*, e em outros romances do escritor, não tem seu foco na luta de classes ou mesmo na formação de uma consciência sindical necessária para se realizar qualquer revolução, mas centra-se, sobretudo, na solidariedade entre pessoas comuns - origem primeira, naturalmente, daquela consciência. Fala mesmo num “comunismo cristão primitivo” que, pensado no interior da obra de um ateu militante como Saramago, só pode ser lido como similar àquele presente nas vidas dos santos esboçadas por Eça de Queirós — que nada têm de divino, mas tudo de revolucionários. Silva associa, ainda, a declarada posição de esquerda de Saramago com aquela de Boaventura de Sousa Santos, demonstrando como as proposições do romancista e do sociólogo, nomeadamente em *A Jangada de pedra* e em *Pela mão de Alice*, respectivamente, se assemelham na busca de uma utopia que derrube fronteiras políticas e econômicas e delinieie um mapa fundado na identidade cultural entre a península ibérica e a América Latina e a África.

Gisela Maria de Lima Braga Penha, em “A (im)provável gênese trans-ibérica em *A jangada de pedra*, de José Saramago”, também reconhece o forte iberismo do texto e assim o equaciona:

A viagem da península e seu afastamento da Europa podem ser vistos como a possibilidade de um recomeço, de um nascer hoje, ou seja, *A jangada de pedra* tem como foco central a construção desse percurso ibérico, visando à criação de um espaço ibérico que possibilite começar “de raiz e de berço o dia novo” [...]

Sendo que

[...] a possível construção desse espaço ibérico responde à pergunta feita [no romance] sobre quem escreverá (futuro do presente) a história do que poderia ter sido (futuro do pretérito), ou seja, somente na criação artística existe a possibilidade de conciliar futuros díspares e, mesmo na contramão da História, incitar a movimentação do mundo ibérico, cuja característica principal encontra-se na “precariedade das estruturas e idéias assentes” (PENHA, s.d., p.9).

A idéia de que é na criação artística que se encontra a possibilidade de “incitar” a criação do mundo ibérico nos parece bastante produtiva. Entendemos que aí se encontra a própria proposta do romance: intervir no imaginário coletivo ibérico no sentido de legitimar uma perspectiva utópica possível e preexistente, reconfigurando-a em escala global. Sabemos que o iberismo, em seu sentido político, pode ser remontado ao menos ao século XIX. Fernando Catroga, ao tratar do tema naquele século, observa que:

[...] o iberismo ganhou, de facto, novas perspectivas a partir de 1852, ano em que foi publicada a polémica obra de D. Sinibaldo de Mas *A Ibéria*. A conjuntura sociopolítica que condicionou o seu reaparecimento é conhecida. E, embora as teses iberistas não tenham recebido qualquer confirmação histórica ou apoio popular, sabe-se, igualmente, que este empolamento correspondeu a necessidades de luta ideológica bem concretas, pois só assim se poderá explicar o facto de, nas três décadas seguintes, terem saído mais de centena e meia de títulos dedicados à questão. Não admira. É que, neste debate, encontramos projectadas as lutas de consolidação do Estado-nação no contexto do reordenamento europeu decorrente da crescente hegemonia do imperialismo britânico, da emergência de novas nacionalidades e da tomada de consciência de uma ilação tipicamente romântica: a decadência dos dois países ibéricos. Desse modo, pensava-se no xadrez político europeu e, a partir daí, defender as colónias e intensificar a sua exploração (CATROGA, 1993, v.5, p.563).

O contexto descrito por Catroga para a voga de iberismo no século XIX caracteriza-se por se apresentar como uma espécie de tábua de salvação de Portugal e Espanha, pura estratégia de sobrevivência para enfrentar potências nacionais mais bem consolidadas, distanciando-se muito do contexto do surgimento de *A Jangada de Pedra*, cuja salvação se encontra exatamente na adesão a tais potências. Todavia, o sentimento de decadência aproxima os dois períodos, assim como o que podemos chamar de “solução colonial”, ainda que o sentido político da decadência e da solução colonial sejam bastante distintos num e noutro. No século XIX, havia um sentimento de decadência econômica e política, com a falência gradual do modelo monárquico constitucional.

No século XX, o sentimento de decadência era sobretudo econômico, pois politicamente Portugal e Espanha saíam finalmente de um longo período ditatorial e o ambiente político encontrava-se bem mais arejado.

A solução colonialista oitocentista resumia-se à exploração econômica. O voltar-se para as colônias e ex-colônias no iberismo saramaguiano visa à atribuição de sentido histórico e geopolítico para a Península Ibérica, constituindo-se numa forma de salvação cultural. Desse modo, o iberismo de Saramago ganha uma dimensão global não capitalista, identificando no mapa da cultura uma força alternativa para o mapa do capital proposto pela Comunidade Econômica Européia.

Linguagem, transgressão e intervenção

O modo como Saramago trabalha a linguagem no romance faz com que o leitor se pergunte sistematicamente sobre a justiça e a necessidade de estas serem do jeito que são, gerando a possibilidade de as coisas serem do jeito que ele propõe que sejam. Não se lê *A jangada de pedra* simplesmente como uma viagem fantástica de uma península que navega, mas sim como a possibilidade de coisas acontecerem fora do que é esperado. O narrador não nos permite navegar sossegadamente com a península, pois o tempo todo está se perguntando e nos perguntando sobre o sentido dessa viagem (Por que isso aconteceu? Para onde vai a península? Por que parou?), o sentido da ação das personagens (Por que Joana Carda risca o chão? Por que os estorninhos seguem José Anaiço? Por que Pedro Orce sente a terra tremer?), o sentido dos episódios que aparecem em meio à diegese (Por que os cães de Cérbero ladram? Por que o navegador solitário ficou sem vento? Por que todas as mulheres ficaram grávidas?), o sentido das coisas (a vara de negrilho, a barca de pedra, a galera); enfim, o narrador não permite que o leitor simplesmente desfrute da diegese. Ele questiona e interpreta sistematicamente tudo o que acontece e tudo o que coloca nesse caminho.

Essa obsessão pelo questionamento não se atém somente às coisas e aos acontecimentos, mas se volta sobretudo para o próprio modo de narrar a história. O narrador faz da metalinguagem um elemento essencial do texto, que leva Gisela Penha, por exemplo, a sintetizar esse procedimento na ideia de uma “jangada-texto” (PENHA, s.d., p.2).

A analogia entre o mundo da narrativa e o mundo real permite a analogia entre a transgressão do mundo da narrativa e a transgressão do mundo real. O ato de o narrador questionar sistematicamente o modo como narra sua história e a própria natureza da língua escrita, moldando-a a seus interesses, leva o leitor a aceitar que, assim como a linguagem, a realidade também possa ser questionada e moldada aos interesses desse mesmo narrador, que são os de propor um sentido específico para a história e para o futuro da Península Ibérica.

Não é possível ignorar que o fato de que a concretização romanesca de uma união ibérica integrada à América Latina seja publicada em 1986, ano da adesão de Portugal e da Espanha à então Comunidade Econômica Europeia. Tal ideia vai na contramão do sentido geopolítico que os dois países da península seguiam e, portanto, só poderia ser pensado dentro de uma lógica de contestação, de produção alternativa de realidade, ainda que imaginária.

Romance da década de 1980, quando Saramago, romancista já experimentado, dedica-se a reinventar a história de Portugal — em 1982 publicara o *Memorial do convento*; em 1984, *O ano da morte de Ricardo Reis*; em 1989, publicaria *História do cerco de Lisboa* —, a utopia iberista de dimensão global de *A jangada de pedra* deve ser lida como literatura intervencionista na concorrência entre imaginários. Temos ali uma rejeição à utopia sebastianista concebida pelo saudosismo português da passagem do século XIX para o XX, que tem, *grosso modo*, na autonomia política portuguesa seu mais sólido fundamento. Saramago coloca no lugar dessa utopia uma outra, que reintegra a península não por intermédio de Filipes e famílias reais, mas por intermédio da identidade histórica e cultural no plano coletivo e popular.

Retoma-se, assim, uma perspectiva que remonta ao projeto neorrealista de literatura de intenção, mas ajustado ao contexto de um capitalismo internacionalizado que redefine fronteiras. *A jangada de pedra* vem, assim, intervir nos imaginários de portugueses e espanhóis em prol de uma determinada perspectiva utópica historicamente preexistente, mas agora reescalada no plano global, para fazer frente, no plano identitário, à nova ordem globalizada do capital.

Benjamin Abdala Junior, em texto de 1998, “O imaginário político em *A jangada de pedra*, de José Saramago”, descrevia a grande alegoria criada no romance a partir da noção de “imagem-ação” política, lembrando que em Saramago o poético instaura-se pelo trabalho artístico do referencial político

(ABDALA JUNIOR, 1998). Vale complementar que essa imagem-ação se enraizou no cânone literário português, do qual o autor incontornavelmente passou a fazer parte.

Em entrevista concedida a João Céu e Silva em 15 de julho de 2007, perguntado se, em sua proposta iberista, Portugal passaria a pertencer à Espanha, Saramago responde: “Já temos a Andaluzia, a Catalunha, o País Basco, a Galiza, Castilla la Mancha e tínhamos Portugal. Provavelmente [a Espanha] teria de mudar de nome e passar a chamar-se Ibéria. Se Espanha ofende os nossos bríos, era uma questão a negociar” (SARAMAGO, 2007). Saramago não viveu para ver tal negociação, mas reinventou e fundou, para sempre, uma Ibéria que faz com que a perspectiva utópica presente num livro como *Mensagem*, de Fernando Pessoa, por exemplo, e mesmo aquelas presentes em diversos textos sebastianistas presentes na longa tradição literária portuguesa já não possam ser lidas do mesmo modo, isto é, sem uma perspectiva utópica que lhe seja concorrente ou, em alguns casos, complementar.

Se o iberismo já existia muito antes do escritor, Saramago soube ser seu D. Sebastião retornado. Com *A jangada de pedra* o iberismo ganhou pela primeira vez estatuto literário canônico, que alimentará imaginações e, provavelmente, outras imagens-ações. Isso é ser de fato um escritor profícuo.

Iberia forever

ABSTRACT:

This paper underscores the importance of the Jose Saramago's iberic perspective to the history of Portuguese literature. His iberism as an alternative to the sebastianism gives literary status to the iberism in the context of Portuguese culture.

Keywords: Jose Saramago. Iberism. Contemporary literature.

Nota explicativa

* Professor do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - da Universidade de São Paulo, USP. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq – Nível 2.

Referências

- ABDALA JUNIOR, Benjamin. *O imaginário político em A Jangada de Pedra de José Saramago*. Letras & Letras, Porto- Portugal, s.n., 1988.
- CATROGA, Fernando. Nacionalistas e iberistas. In: MATOSO, José (Org.). *História de Portugal*. Lisboa: Editorial Estampa, 1993, v. 5, p.563-567.
- COSTA, Horácio. *José Saramago - o período de formação*. Lisboa: Caminho, 1997.
- PENHA, Gisela Maria de Lima Braga. A (im)provável gênese trans-ibérica em *A jangada de pedra*, de José Saramago. Maringá, UEM. Disponível em: <http://cpd1.ufmt.br/meel/arquivos/artigos/31.pdf>. Acesso em: 24 jan. 2011.
- SARAMAGO, José. Não sou profeta, mas Portugal acabará por integrar-se na Espanha. In: *Diário de Notícias*, caderno de Artes, 15 de julho de 2007 (entrevista concedida a João Céu e Silva). Disponível em: http://www.dn.pt/Inicio/interior.aspx?content_id=661318. Acesso em: 24 jan. 2011.
- _____. O (meu) iberismo. In: *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, Ano VIII, n. 330, p.32, de 31 de out. a 7 de nov. de 1988. _____ . *A Jangada de pedra*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

SEIXO, Maria Alzira. *Lugares da ficção em José Saramago*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1999.

SILVA, Marisa Corrêa. José Saramago: o iberismo como utopia. *Acta Scientiarum*, Maringá, v.4, n.1, p.67-70, 2002.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. 5ª ed. Porto: Afrontamento, 1996.